

Educação nos tempos de chumbo: uma visão do pensamento conservador católico através das páginas do jornal “O Arquidiocesano”

Rosana Areal de Carvalho¹
Gabriela Pereira da Cunha Lima²

Resumo: Utilizando como fonte principal o jornal *O Arquidiocesano*, produzido pela Arquidiocese de Mariana, pretendemos compreender de que forma os setores conservadores da Igreja produziam discursos e representações acerca da Educação, no período da ditadura militar. Consideramos a imprensa uma fonte documental extremamente valiosa, por nos aproximar de idéias, atores e vozes difíceis de serem apreendidas em outros tipos de documentação, funcionando como vitrines das idéias de uma época. Nas páginas desse órgão oficial impresso da Arquidiocese, é possível vislumbrar as tensões existentes entre ensino católico e laico, bem como os padrões de comportamento e modelos educacionais considerados adequados pelo grupo católico que o jornal representava, para a prática de professores e pais.

Palavras-chave: História da Educação, Imprensa Católica, Ditadura Militar.

Abstract: Using as the main source the newspaper *O Arquidiocesano*, produced by the Archdiocese of Mariana, we understand how the conservative sectors of the Church produced discourses and representations about the education in the period of military dictatorship. We believe that the press is a very valuable documentary source for the approach of ideas, actors and voices difficult to seized in other documentation, acting as showcases the ideas of an epoch. In the pages of the official form of the archdiocese, it is possible to glimpse the tensions between Catholic and secular education, and patterns of behavior and educational models considered appropriate by the Catholic group that represented the newspaper for the practice of teachers and parents.

Keywords: History of Education, Catholic Press, Military Dictatorship.

A História da Igreja Católica e a História da Educação, no Brasil, possuem vários pontos de contato, chegando a se confundir em determinados períodos da nossa história. O ensino tornou-se oficialmente laico desde a Constituição de 1891, o que não impediu, entretanto, que a Igreja continuasse a exercer influência no campo educacional, através dos colégios confessionais, da atuação de membros católicos nas mais variadas instâncias educacionais, e também da imprensa.

O nosso objetivo, neste artigo, é dar uma visão das representações e discursos acerca da educação produzidos pelo jornal *O Arquidiocesano*, importante órgão impresso da Arquidiocese de Mariana, entre os anos de 1964 e 1984, procurando identificar o

¹ Doutora em Ciências Humanas pela USP, professora adjunta da UFOP.

² Licenciada em História pela UFOP e aluna do programa de pós-graduação em Educação da mesma instituição.

posicionamento desta instituição frente aos debates e questões educacionais em pauta nesse período. Compreendemos que os historiadores da educação devem ampliar suas fontes de pesquisa, para além daquilo que é produzido pela própria escola ou pensando nela, já que a educação é uma prática social que ocorre em vários espaços, e não apenas no ambiente escolar e nas instâncias legislativas. A imprensa é um valioso espelho de seu tempo, que ao mesmo tempo reflete e participa da dinâmica social. Pode e deve ser utilizada pelos pesquisadores do campo para refazer os caminhos da educação, a fim de reconhecer as diferentes vozes que versam sobre ela e participam de sua construção.

O Arquidiocesano: uma face do conservadorismo católico em Minas Gerais

O jornal *O Arquidiocesano* foi fundado em 1959 pelo arcebispo que então acabava de chegar, Dom Oscar de Oliveira, como uma de suas primeiras providências. Dom Oscar adquiriu a tipografia “Folhinha de Mariana” de Agripino Claudiano dos Santos, criando a editora Dom Viçoso, responsável pelas impressões da arquidiocese até hoje. Dom Oscar agia em consonância com o projeto do Vaticano. A Igreja Católica estava em franca campanha pela expansão de sua imprensa. Em 1957, Bogotá foi palco do primeiro Congresso Mundial da Imprensa Católica, mesmo ano em que, em Viena, acontecia o Congresso Internacional da Imprensa. A intenção era fazer da imprensa um segundo púlpito. Para isso era preciso que ela se tornasse mais numerosa, que sofisticasse suas técnicas, que alcançasse o maior número possível de leitores, e por que não, que fosse rentável. Havia muitos inimigos a serem combatidos (o comunismo, as idéias liberais a respeito do sexo e do casamento, a profusão de outras religiões) e a imprensa seria o meio de combate por excelência:

“O jornal católico é hoje uma necessidade, tanto nos centros populares como nas pequenas aldeias. É um suplemento indispensável ao púlpito e à escola católica: é o meio de publicidade ao nosso alcance para corrigir notícias e doutrinas errôneas e para difundir informações úteis sobre assuntos ou acontecimentos importantes, fazendo-as penetrar no meio católico e, através dele, no próprio meio adverso.” (O *Arquidiocesano*, 1964, pg. 04)

Durante todo o período encampado nessa análise, Dom Oscar esteve à frente da Arquidiocese marianense, só abandonando o posto em 1988, por ter atingido a idade limite para o exercício de sua função, qual seja, 75 anos. O arcebispo soube dar ao período de sua gestão uma feição bastante peculiar, sendo reconhecido pelo seu extremo conservadorismo. As provas de que haviam forças sufocadas por suas diretrizes conservadoras estão impressas

nas páginas do jornal *O Pastoral*, criado logo após a saída de Dom Oscar e vinculado às idéias da Teologia da Libertação. Nesse jornal encontramos relatos das estratégias articuladas pelas elites eclesiais no sentido de desmobilizar os movimentos de educação e conscientização popular:

“Na memória das comunidades eclesiais de Base da Arquidiocese de Mariana, a hierarquia aparece como uma presença contraditória. Quando o trem parece ter entrado nos trilhos, forças ocultas atropelam todo o processo. Padre Teóphilo se destaca como o grande incentivador de uma Igreja popular mesmo antes de se fala em CEBs em nossa arquidiocese. Em 1968 eles já começaram a formar comunidade em Porto Firme. Mas, em pouco tempo, Padre Teóphilo saiu. Até hoje não entendeu porquê. Em Araponga, destaca-se a figura do Padre José Miguel. Começando com os cursos de batismo ele deu vida nova à Igreja local. Conseguiu, inclusive, mobilizar todo o município. Mas nesse tempo, parte da Matriz caiu, com a alegação de que ele não tinha dom para arrecadar dinheiro e reconstruir o templo, foi transferido para Sericita. Até hoje não entenderam os motivos para a remoção do padre.”(O Pastoral, Ano 1995, pag.10)

Muito da identidade conservadora da arquidiocese foi reafirmada e construída pelo *Arquidiocesano*, que ocultava e desestimulava ações vinculadas à Teologia da Libertação, promovidas por padres e leigos em seu território. Durante a ditadura militar, a instituição lançou mão de várias estratégias para impedir a politização da messe, seja transferindo padres engajados para outras paróquias, seja afirmando nas páginas de seu jornal o objetivo espiritual da Igreja em detrimento das questões temporais. Assim, o que encontramos nas páginas do *Arquidiocesano* não deve ser considerado um retrato fiel da comunidade católica do período em questão e os movimentos realizados por ela, mas uma tentativa de forjar mentalidades e hábitos, que varre para baixo do tapete todo o conjunto de ações e discursos que considera inadequados³, mesmo quando empreendidos por membros da comunidade católica e aprovados por parte dela. A Arquidiocese de Mariana tem uma longa história de identificação com a oficialidade e o *status quo*, só tendo se aproximado das idéias católicas progressistas em meados de 1980.

A Educação como instrumento de moralização da sociedade

O *Arquidiocesano* era composto de notícias e artigos variados: curiosidades e trechos da Bíblia conviviam com dicas para as zelosas donas de casa e anúncios das maravilhas

³ Um bom exemplo das relações entre a Arquidiocese de Mariana e movimentos populares são as CEBs, (Comunidades Eclesiais de Base) desestimuladas pela Arquidiocese no período da ditadura militar. Alguns leigos e padres, porém, mantinham ligações estreitas com a engajada arquidiocese de Caratinga e suas CEBs. Esse contato foi muito importante para a difusão das idéias da Teologia da Libertação na arquidiocese marianense.

tecnológicas produzidas pelos norte-americanos. Pretendia ser um veículo dirigido a todos, homens, jovens, mulheres e crianças. Nas páginas do jornal vislumbramos, entre receitas de bolo e denúncias contra o comunismo, posturas e visões do catolicismo conservador a respeito da educação. Lá estão as tensões existentes entre ensino católico e laico, os padrões de comportamento e os modelos educacionais considerados adequados pelo grupo católico que o jornal representava para a prática de professores e pais, bem como o papel atribuído à imprensa no projeto de educação da cristandade. Tudo isso pelas lentes da ala da Arquidiocese de Mariana que se situava abertamente mais à direita no jogo político do período em questão.

Não somente através dos colégios confessionais existentes na arquidiocese a Igreja exercia sua influência no campo educacional (dos quais, o Colégio Providência, situado em Mariana, e o colégio Arquidiocesano, situado em Ouro Preto, ambos destinados à educação das elites, são exemplos), mas também através da ação de agentes católicos nas escolas laicas (especialmente as públicas), como inspetores, professores e diretores. O jornal apontava a necessidade de agir também no âmbito dessas instituições:

“Sentindo-se de modo intenso o dever gravíssimo que lhe incumbe de empenhar-se a fundo pela educação moral e religiosa de todos os seus filhos, necessita a Igreja de estar com seu afeto e amparo especial junto àquele grande número de alunos que se formam em escolas não católicas.” (*O Arquidiocesano*, 1971, pag. 01)

O próprio Dom Oscar aparece em vários momentos entre os muros das escolas. Na edição de março de 1963 o arcebispo saúda a chegada do Cônego Aderbal Murta à direção do Ginásio Estadual de Ervália. No dia 05 janeiro de 1964 o jornal registra sua participação na solenidade de entrega dos diplomas aos alunos do Colégio Comercial Dom Frei Manoel da Cruz. Cônego Paulo Dilácio foi diretor do Ginásio Estadual Dom Silvério, em Mariana, durante toda a década de 1970. Muitos outros exemplos poderiam ser citados para endossar a tese de uma forte atuação da Igreja dentro das instituições escolares públicas na região. Ainda hoje podemos sentir uma forte presença católica em grande parte das escolas mineiras, que celebram datas do calendário litúrgico católico, possuem altares, imagens sacras nas paredes das salas de aula e trabalham a disciplina *Educação Religiosa* sob uma orientação, digamos, tendenciosa.

A idéia de um “Brasil grande”, que merecia ser respeitado e incluído entre as grandes potências do mundo, muito utilizada pela propaganda oficial do governo e alardeada por diversos meios de comunicação, aparece com frequência no *Arquidiocesano*, vinculada à educação, num flerte com as concepções pedagógicas tecnicistas e produtivistas então em

voga: “*Sem um povo educado, jamais teremos o Brasil com que sonhamos: industrializado, reformado estruturalmente, ouvido e acatado no concerto das grandes nações.*” (O Arquidiocesano, 1971, pag 03)

O *Arquidiocesano* reproduzia o discurso do governo militar, que ligava organicamente as instituições da família e da Pátria: “*A Pátria é a família amplificada (...) multiplicai a família e tereis a Pátria*” (O *Arquidiocesano*, 1963, pag 01). A educação seria primazia da família, núcleo central, o grande modelo, onde o homem se inicia e se molda. A função específica dos três pilares da sociedade, Deus (a Igreja), Pátria e família, no que tange à educação, é bem clara:

“(...) longe de pretender o monopólio nesse terreno [educacional], o Estado deverá respeitar e incentivar todas as iniciativas adotadas pela família e pela Igreja, pois uma colaboração harmoniosa deve instituir-se entre a sociedade civil, a Igreja e a família, em vista de, pela coordenação de seus fins respectivos, prover a educação do filho.” (O *Arquidiocesano*, 1963, pag 01)

É diretamente à família, tida como principal responsável pela educação, que os artigos se dirigem, apresentando modelos, condutas, regras que os pais deviam seguir para bem educar os seus filhos:

“Grande parte dos nossos defeitos germinaram no lar paterno, durante o período da infância. Os mimos e carinhos demasiados dos pais, longe de tornarem o filho dócil e obediente no futuro, tornaram-no, ao contrário, desobediente e grosseiro, autoritário e caprichoso.” (O *Arquidiocesano*, 1964, pag. 04)

O jornal não esboça preocupações quanto aos aspectos pedagógicos e organizacionais da escola; nenhum artigo se dedica a esses temas. Os católicos deveriam influenciar a educação, principalmente, através da vigilância moral, analisando o teor daquilo que era transmitido em face dos ensinamentos e preceitos cristãos: “*Especialmente através das associações de pais, acompanhem com sua assistência a obra escolar toda, mas sobretudo a educação moral que nela deve ministrar-se.*” (O *Arquidiocesano*, 1971, pag 01). Toda a sociedade é chamada a participar dessa campanha pela moralização, inclusive a instituição escolar:

“Da moralização devem participar as famílias, os pais, os professores, os jovens, e todos os católicos ou não, desde que gente honrada, para adotar-se, como foi pedido na Argentina pela Ação Católica, um esforço máximo na repressão ao vício, com um máximo de diligência e sanção para reprimir a corrupção de menores, o tráfico de brancas, o comércio de estupefacientes e os crimes de ordem sexual.” (O *Arquidiocesano*, 1964, pag.04)

A Educação Sexual foi um tema que mereceu atenção do jornal, pela imoralidade que supostamente instaurava. As décadas de 1960 e 1970 assistiram a um acalorado debate sobre o tema e a uma série de experiências nas escolas de orientação progressista acerca da

implementação da Educação Sexual. Um episódio ilustrativo é o do projeto de lei enviado à Câmara dos Deputados pela Deputada Júlia Steimbruck, em 1968, propondo a implantação obrigatória da Educação Sexual em todas as escolas do país. Apesar de receber apoio de alguns deputados e educadores, o projeto foi rechaçado pela Comissão Nacional de Moral e Civismo do Ministério da Educação, tendo sido barrado em novembro de 1970. Os membros da Comissão julgaram o projeto como uma verdadeira ofensiva à moral e os bons costumes. Havia muitos pontos de contato entre o projeto de moralização da Nação levado a cabo pelo estado ditatorial (tendo a Comissão Nacional de Moral e Cívica sido criada para ser a catalisadora desse projeto) e o código moral da direita católica. Aos olhos do *Arquidiocesano*, a Educação Sexual também aparecia como algo nocivo e depravador: “*A educação sexual é mais um incentivo oficial sancionado a conversações obscenas, e por meio delas, à corrupção sistemática dos mais sadios pelos depravados.*” (O *Arquidiocesano*, 1971, pag 01). Na mesma edição, em outro artigo, o jornal reafirma sua postura sobre o tema, recorrendo aos dados de uma pesquisa realizada nos EUA:

“De três mil pessoas que responderam à pesquisa ‘Louis Harris’ publicada em Nova Iorque a respeito da Educação Sexual, entre a juventude do país, cerca de 180 responderam que a consideram nociva para a formação do jovem. Ser absolutamente francos em questão de nudez e palavras obscenas é um erro, responderam os inquiridos.” (O *Arquidiocesano*, 1971, pag 04)

A Moral governa a inteligência

Educar, na doutrina cristã, é muito mais que escolarizar. A tarefa educacional é compreendida num sentido mais amplo, de formação do caráter e interiorização de códigos de conduta. A educação cristã abarca não só o campo espiritual, mas também os domínios moral, intelectual e social. Nas palavras do Monsenhor Álvaro Negromonte, figura importante do pensamento educacional católico em Minas, autor de diversas obras de caráter formativo como *A Educação Sexual* (1961) e *A Educação dos filhos* (1955), dedicadas a pais e professores, a educação deve

“produzir melhores cidadãos, os mais pacíficos, os mais obedientes à lei, os mais respeitadores da autoridade, os mais conscienciosos cumpridores do dever, os mais dedicados patriotas, os mais amantes do próximo, os mais honestos e puros. A moral governa a inteligência e a sociedade e, por seu turno, submete-se à religião”. (NEGROMONTE, 1938, pag. 7-8).

Vemos essa concepção da educação como um campo essencialmente moral expressa em vários momentos no *Arquidiocesano*. Volta e meia o jornal publica trechos da Encíclica *Divini Illius Magistri*, escrita por Pio XI em 1929 para orientar a cristandade a respeito da melhor forma de educar a juventude. Nessa carta papal as atribuições e responsabilidades do Estado, da família e da Igreja quanto à educação ficam claramente estabelecidas, bem como o cunho moralizante da tarefa educacional:

“E sendo necessário que as novas gerações sejam instruídas nas artes e disciplinas com as quais aproveita e prospera a convivência civil, e sendo para esta obra a família, por si só, insuficiente, daí vem a instituição social da escola, primeiramente, note-se bem, por iniciativa da família e da Igreja, e só mais tarde por obra do Estado. Por esta razão, a escola considerada até nas suas origens históricas, é por sua natureza instituição subsidiária e complementar da família e da Igreja e, portanto, por lógica necessidade moral, deve não somente não contraditar, mas harmonizar-se positivamente com os outros dois ambientes, na mais perfeita unidade moral possível, a ponto de poder constituir, juntamente com a família e com a Igreja, um único santuário, sacro para a educação cristã, sob pena de falir no seu escopo, e de converter-se, em caso contrário, em obra de destruição” . (Encíclica *Divini Illius Magistri*)

O projeto de endurecimento moral da Igreja surge com a laicização do Estado, no final do século XIX, e objetiva manter o poder da instituição católica face ao duro golpe que sofrera sua hegemonia, inclusive no campo educacional. À imprensa católica passaria a pertencer a missão de alcançar aqueles que não estavam sendo educados dentro das escolas confessionais, através de estabelecimento de um duro código moral de conduta, a ser seguido por todos os envolvidos na tarefa educacional.

Bibliografia

FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: Ditadura, Propaganda e Imaginário Social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FILHO, Luciano M. de F., GREIVE, Cynthia & LOPES, Eliane M. T (org.) *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

GONDRA, José Gonçalves (org.) *Pesquisa em História da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do, ORLANDO, Evelyn de Almeida. Atualizando as Práticas Educacionais Católicas através da Voz de Álvaro Negromonte: Uma Perspectiva da História da Educação. *Revista da Fapese*, nº 01, jan/jun 2007.

NEGROMONTE, Pe. Álvaro. *A Educação dos Filhos*. Rio de Janeiro: Ed. Rumo, 1955

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa, ROTHMAN, Franklin Daniel. Arquidiocese de Mariana, Teologia da Libertação e Emergência do Movimento dos Atingidos por barragens do Alto Rio Doce (MG). *Revista Política e Sociedade*, nº 12, abril/2008.

SAVIANI, Demerval. *O Legado Educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004.

SCHELBAUER, Analete Regina & ARAÚJO, José Carlos Souza (org.) *História da Educação pela Imprensa*. Campinas: Editora Alínea, 2007.

Fontes Documentais

Divini Illius Magistri. São Paulo: Edições Paulinas, 1965

“Catecismo”. **O Arquidiocesano**. Mariana: Editora Dom Viçoso, 1963, nº174, pg 01.

“O Jornal Católico”. **O Arquidiocesano**. Mariana: Editora Dom Viçoso, 1964, nº227, pg. 04,

“Ação Católica argentina contra o relaxamento moral”. **O Arquidiocesano**. Mariana: Editora Dom Viçoso 1964, nº231, pg.04,

“Educação Cristã”. **O Arquidiocesano**. Mariana: Editora Dom Viçoso, 1971, nº 591, pg 01,

“Educação Cristã”. **O Arquidiocesano**. Mariana: Editora Dom Viçoso, 1971, nº 592, pg.01,

“Educação Sexual Precoce”. **O Arquidiocesano**. Mariana: Editora Dom Viçoso, 1971, nº 593, pg 04,

O Pastoral. Mariana: Editora Dom Viçoso, Ano VII, nº 88, pg.10,